Guerra das Malvinas, 1982

Uma simulação histórica

André Geraque Kiffer

--- Kiffer, André Geraque.

Guerra das Malvinas, 1982. Uma simulação histórica. André Geraque Kiffer.

Edição do Autor, Rio de Janeiro, 2024.

Bibliografia: 117 p. 48 img. 21 cm..

1. História. 2. Arte da Guerra. 3. Ciência da Guerra. 4. Jogos de Guerra. I. Autor. II. Título.

ISBN 978-65-01-11065-3

FATO HISTÓRICO.....5

ANÁLISE HISTÓRICA.....21

SIMULAÇÃO HISTÓRICA.....38

REFERÊNCIAS.....115

Como Historiador Militar me apoio em um resumo do fato histórico, analiso e destaco os fatores decisivos, antes de simular hipóteses "e se …" alternativas por meio de um jogo de tabuleiro. Na simulação se completam todas as possibilidades do propósito do estudo, quando o passado da história é analisado com base na teoria do presente e projetado para situações semelhantes no futuro. Desde 2010 publiquei as seguintes séries de simulações: I. Simulação Histórica das Guerras dos Primeiros Impérios; II. Simulação Histórica das Guerras na Grécia Clássica; III. Simulação Histórica das Guerras Romanas; IV. Simulação Histórica das Guerras na Era Medieval; V. Simulação Histórica das Guerras na Era Moderna (1453 a 1774); VI. Simulação Histórica das Guerras na Era das Revoluções (1775 a 1860); VII. Simulação Histórica das Guerras na Era Industrial (1861 a 1913); VIII. Simulação Histórica da Primeira Guerra Mundial; IX. Simulação Histórica da Segunda Guerra Mundial; X. Simulação Histórica da Guerra Fria (1917 a 1991); e XI. Simulação Histórica das Guerras Contemporâneas (1991 a ...).

Palavras-chave: História. Arte da Guerra. Ciência da Guerra. Jogos de Guerra.

FATO HISTÓRICO

A Crise das Malvinas (Falklands para os britânicos) de 1770 foi um impasse diplomático entre a Grã-Bretanha e a Espanha sobre a posse das Ilhas Malvinas no Oceano Atlântico Sul. Estes acontecimentos foram quase a causa de uma guerra entre a Grã-Bretanha e a Espanha – apoiada pela França – e os três países estavam preparados para enviar esquadras para defenderem as reivindicações rivais à soberania das ilhas áridas, mas estrategicamente importantes.

Afinal, com a falta de apoio francês, a Espanha, confrontada sozinha contra a Marinha Real britânica, recuou e iniciou conversações. Os britânicos conseguiram assim obter uma vitória diplomática mas sem chegarem a um compromisso conclusivo com os espanhóis, pois ninguém renunciou à sua reivindicação de soberania sobre as ilhas.

Em 1965 as Nações Unidas apelaram à Argentina e ao Reino Unido para que chegassem a uma solução para a disputa de soberania. O Foreign and Commonwealth Office (FCO) do Reino Unido considerava as ilhas um incômodo e uma barreira ao comércio com a América do Sul. Portanto, embora confiante na soberania britânica, o FCO estava preparado para ceder as ilhas à Argentina. Quando a notícia de uma proposta de transferência foi divulgada em 1968, elementos simpáticos à situação dos

ilhéus conseguiram organizar um lobby parlamentar eficaz para frustrar os planos do FCO.

As negociações continuaram, mas em geral não conseguiram fazer progressos significativos; os ilhéus recusaram-se firmemente a considerar a soberania argentina de um lado, enquanto a Argentina não comprometeria sua soberania do outro. O FCO procurou então tornar as ilhas dependentes da Argentina, esperando que isso tornasse os ilhéus mais receptivos à soberania argentina. Um acordo de comunicações assinado em 1971 criou uma ligação aérea e mais tarde a YPF, a companhia petrolífera argentina, obteve o monopólio da exploração nas ilhas.

Em 1977 o primeiro-ministro britânico, James Callaghan, em resposta ao aumento das tensões na região e à ocupação argentina das três ilhas Thule (no extremo sul do grupo das Ilhas Sandwich), enviou secretamente uma força de duas fragatas e um submarino com propulsão nuclear, HMS Dreadnought, para o Atlântico Sul, com o codinome Operação Journeyman. Não está claro se os argentinos tinham conhecimento da sua presença, mas fontes britânicas afirmam que foram avisados através de canais informais. Entretanto, conversações com a Argentina sobre a soberania e a cooperação econômica das Malvinas foram iniciadas em dezembro desse ano, embora também tenham sido inconclusivas.

Em 1980, um novo ministro de Estado dos Negócios Estrangeiros do Reino Unido, Nicholas Ridley, foi às

Falklands tentando vender aos ilhéus os benefícios de um esquema de leasing (um tipo de operação de aluguel, na qual aquele que contrata tem o direito de utilizar o bem, também oferecendo a opção de compra no final do acordo), que encontrou forte oposição por parte dos ilhéus.

No seu regresso a Londres em dezembro de 1980, apresentou-se ao parlamento, mas foi violentamente atacado no que foi visto como uma traição. Era pouco provável que o arrendamento pudesse ter tido sucesso, uma vez que os britânicos tinham proposto um longo prazo de 99 anos, enquanto a Argentina pressionava por um período muito mais curto de apenas dez anos. Em uma reunião privada do comitê naquela noite, foi relatado que Ridley disse: "Se não fizermos alguma coisa, eles invadirão".

A Argentina estava no meio de uma estagnação econômica devastadora e de uma agitação civil em grande escala contra o Processo de Reorganização Nacional, a junta militar que governava o país desde 1976. Em dezembro de 1981, houve uma nova mudança no regime militar argentino, quando tomou posse uma nova junta chefiada pelo general Leopoldo Galtieri (presidente interino), pelo brigadeiro Basilio Lami Dozo e pelo almirante Jorge Anaya. Este último foi o principal arquiteto e defensor de uma solução militar para a reivindicação de longa data sobre as ilhas, esperando que o Reino Unido nunca respondesse militarmente.



Img 1: Situação geográfica.

Fonte das Imgs 1 e 4, Departamento de História da Academia Militar de West Point.

Ao optar pela ação militar, o governo Galtieri esperava mobilizar os sentimentos patrióticos de longa data dos argentinos em relação às ilhas, desviando a atenção do público dos problemas econômicos crônicos e das contínuas violações dos direitos humanos da sua Guerra Suja, reforçando a cada vez menor legitimidade da junta. O jornal La Prensa especulou sobre um plano passo a passo, começando com o corte do suprimento às ilhas, terminando em ações diretas no final de 1982, se as negociações na Organização das Nações Unidas (ONU) fossem infrutíferas.

Em 2 de abril de 1982 as forças argentinas realizaram desembarques anfíbios, inseridos na Operação Rosário, nas Ilhas Malvinas. A invasão foi recebida com uma defesa feroz, mas breve, organizada pelo governador das Ilhas Malvinas, Rex Hunt, com o comando militar do major Mike Norman. A guarnição era composta por 68 fuzileiros navais e onze hidrógrafos da Marinha, auxiliados por 23 voluntários da Força de Defesa das Ilhas Falklands (FIDF), que possuíam poucas armas e foram utilizados como vigias.

Os britânicos já tinham tomado medidas antes da invasão de 2 de abril. Em resposta aos acontecimentos na Geórgia do Sul, em 29 de março, os ministros decidiram enviar o navio logístico Fort Austin da Royal Fleet Auxiliary (RFA, Frota Naval de Apoio) para o Atlântico Sul em apoio ao HMS Endurance (navio patrulha polar com base em porto Stanley nas Falklands), e os submarinos da frota nuclear

HMS Spartan desde Gibraltar e HMS Splendid desde a Escócia.

A unidade do Exército argentino destinada à ocupação foi o 25º Regimento de infantaria, com 681 soldados especialmente treinados, de todas as regiões da Argentina; foi levado para o aeroporto de Port Stanley logo que a pista foi liberada.



Img 2: "Guerra das Estrelas".

Assim que ficou claro que os britânicos estavam enviando uma força-tarefa anfíbia, houve uma convocação geral de reservistas e duas brigadas de oito regimentos (efetivos de batalhões) de infantaria e suas unidades de apoio foram enviadas para as ilhas. A guarnição argentina total somava cerca de 13 mil soldados no início de maio. Os recrutas nascidos em 1963 tinham sido convocados apenas recentemente, pelo que foram complementados com os do ano anterior. O general Mario Benjamín Menéndez foi nomeado governador militar das Malvinas.

A Resolução 502, de 3 de abril de 1982, do Conselho de Segurança das Nações Unidas foi adotada por 10 a 1 (com o voto contra do Panamá) e 4 abstenções, entra as quais, a da China. A resolução afirmava: profundamente perturbado com relatos de uma invasão em 2 de abril de 1982 pelas forças armadas da Argentina; entendendo que existe uma violação da paz na região das Falklands Islands (Islas Malvinas), exige a cessação imediata das hostilidades; exige a retirada imediata de todas as forças argentinas das Ilhas Malvinas; exorta os governos da Argentina e do Reino Unido a procurarem uma solução diplomática para as suas diferenças e a respeitarem plenamente os objetivos e princípios da Carta das Nações Unidas.

A União Soviética (URSS) reconheceu as ambições da Argentina em relação às ilhas, e apelou à contenção de todas as partes. A mídia soviética criticou frequentemente o Reino Unido e os Estados Unidos (EUA) durante a guerra. Significativamente, porém, a União Soviética